

ALOPECIA POR DILUIÇÃO DA COR EM UMA CADELA DA RAÇA YORKSHIRE TERRIER

Gláucia Matos Marques da Silva¹, Marcelo de Oliveira Chamelete², Paula Baêta da Silva Rios¹, João Paulo Machado², Kelly Cristine Sousa Pontes²

Resumo: *A alopecia por diluição da cor é uma condição dermatológica rara, vista em cães de pelagem azul ou castanho-clara. Sua etiologia é desconhecida, mas suspeita-se de uma origem genética e hereditária. O objetivo deste trabalho foi descrever um caso clínico de alopecia por diluição da cor em um cão da raça Yorkshire terrier, atendido no Hospital Veterinário da Univiçosa/FACISA, Viçosa, MG. O animal foi submetido a exames, que foram negativos para causas fúngicas e parasitárias. A análise histopatológica revelou alterações condizentes com o que é descrito pela literatura para a doença, que são aglomerados de melanina em folículos pilosos e pelos fraturados. Com essas alterações, foi possível chegar ao diagnóstico definitivo de alopecia por diluição da cor. Concluiu-se então que é importante relatar esse caso, visto se tratar de uma doença relativamente pouco conhecida pelos profissionais da área, e que a histopatologia é a ferramenta fundamental nesses casos.*

Palavras-chave: *dermatopatias, histopatologia, pelo.*

Introdução

A alopecia por diluição da cor, também conhecida como alopecia mutante da cor, é uma condição dermatológica rara e hereditária, vista em cães de pelagem azul ou castanho-clara das raças Doberman Pinscher, Dachshund, Whippet, Yorkshire Terrier, Pinscher miniatura, Teckel e Chow-Chow (CLEROT; OLIVEIRA, 2004; PACHECO et al., 2010). Sua etiologia é desconhecida, mas os genes para cor de pelagem desempenham um papel

¹Estudante do Curso de Medicina Veterinária - UNIVIÇOSA, Viçosa, MG, e-mail: ninha.an@hotmail.com

²Professor do Curso de Medicina Veterinária - UNIVIÇOSA, Viçosa, MG, e-mail: marcelo.oliveira@univicoso.com.br

significativo na condição. Atualmente, a maioria dos autores considera que um efeito ectodérmico, provavelmente causado por uma ou mais mutações do gene *MLPH*, que codifica a melanofilina, é responsável pelo desenvolvimento da doença. Também o déficit de *MSH* (hormônio estimulante da melatonina) já foi sugerido como causa da doença, deixando a matriz pilosa exposta à toxicidade dos precursores da melanina (CLEROT; OLIVEIRA, 2004; PACHECO *et al.*, 2010).

A idade de acometimento dos animais varia entre 4 e 14 meses, sendo rara após três anos de idade. Nota-se inicialmente hipotricose progressiva, que conduz à alopecia extensa nas áreas de cores diluídas ou pretas. Os pelos apresentam-se opacos, fraturados, retorcidos e desprendem-se facilmente ao toque. A pele pode-se apresentar com excessiva descamação e frequentemente com foliculite bacteriana secundária, que provoca prurido. O diagnóstico da doença baseia-se na exclusão de dermatopatias de origens endócrina, fúngica e parasitária e na confirmação por meio do exame histopatológico (FERREIRA *et al.*, 2007; PATEL *et al.*, 2008).

As lesões histopatológicas caracterizam-se por hiperacantose de intensidade variável, hiperqueratose ortoqueratósica epidérmica moderada e folicular importante, predominância de folículos pilosos inativos em fase telogência, atrofia folicular e distribuição de melanócitos epidérmicos repletos de melanina. Grande quantidade de melanina é observada no epitélio folicular, na matriz, no córtex e na medula pilar. Observam-se também melanófagos peribulbares e perifoliculares. As hastes dos pelos apresentam-se fraturadas, com aglomeração de melanina livre. Ainda não existe tratamento específico para essas dermatopatias. Para o controle das alterações de queratinização, preconiza-se a utilização de xampus ceratomoduladores, antissépticos e emolientes. Ácidos graxos essenciais devem ser prescritos durante toda a vida, para manter a qualidade do filme lipídico da pele, e terapia antimicrobiana nos casos de piodermite secundária. Melatonina na dose de 3-6 mg/animal, a cada 12 h, tem sido recomendada com sucesso na repilação parcial dos animais acometidos em aproximadamente 50% dos casos (FERREIRA *et al.*, 2007; PATEL *et al.*, 2008). O objetivo deste trabalho foi descrever um caso de alopecia por diluição da cor, já que se trata de uma afecção de ocorrência rara na rotina da clínica veterinária.

Relato do caso

Uma cadela da raça Yorkshire, de 1 ano e 3 meses, foi atendida no Hospital Veterinário da Univiçosa/FACISA, Viçosa, MG, com histórico de prurido intenso, pelos opacos, quebradiços, intensa lambedura por todo o corpo, com evolução de quatro meses. O esquema vacinal, o de vermifugação e o controle de ectoparasitos estavam em ordem, e o animal não apresentava alterações sistêmicas, nem sinais inespecíficos de doença interna. Na anamnese, o proprietário relatou uso de cefalexina, banho semanal com xampu hipoalergênico, aplicação de fipronil pour-on e tratamento no ambiente com permetrina na tentativa de eliminar ectoparasitas.

O animal foi submetido a exame físico, além de exames complementares, como hemograma completo, bioquímicos (ureia, creatinina, fosfatase alcalina, gama glutamiltranspeptidase, aspartatoaminotransferase e alanina aminotransferase), tricografia, raspado cutâneo e cultura fúngica. Após a análise dos resultados, optou-se pelo exame histopatológico da região afetada. Prescreveu-se o tratamento com banhos semanais com xampu de clorexidine a 2%.

Diante dos resultados dos exames clínicos e laboratoriais, a alopecia por diluição da cor foi a principal suspeita diagnóstica, e o animal foi encaminhado ao setor de patologia da instituição para coleta de material e exame histopatológico.

Discussão

O exame dermatológico do animal revelou a presença de áreas de hiperpigmentação próximas às partes de cor diluída, assim como hipotricose, pelos quebradiços, secos e opacos. Os sinais encontrados no animal são condizentes com o que a literatura descreve para a doença: hipotricose extensa, que conduz à alopecia nas zonas de cor diluída, pelos opacos, fraturados, retorcidos e que se desprendem facilmente. A pele pode apresentar-se ressecada, com descamação, o que predispõe o animal a infecções secundárias e provoca o prurido (FERREIRA et al., 2007).

O hemograma e os testes bioquímicos realizados na primeira consulta

não apresentaram alterações, direcionando ainda mais para a doença e descartando possíveis causas sistêmicas, como o hipotireoidismo, que pode alterar enzimas hepáticas e série vermelha. O raspado cutâneo profundo e a cultura fúngica excluíram os diferenciais de demodicose e a dermatofitose. De acordo com Patelet al. (2008), o diagnóstico da doença baseia-se na exclusão de dermatopatias de origens endócrina, fúngica e parasitária, podendo ser confirmada por meio do exame histopatológico.

No exame tricográfico dos pelos das áreas afetadas, foram observadas lesões típicas, que são aglomerados de melanina, associados às deformações e fraturas dos pelos. Tais situações estavam compatíveis com aquelas descritas por Ferreira et al. (2007).

A análise histopatológica das áreas lesionadas revelou adelgaçamento da epiderme, onde estavam presentes, na maioria das áreas observadas, apenas a camada basal e um pobre estrato córneo; intensa melanose no epitélio folicular e camada basal; e epitélio folicular atrófico ou ausente em muitas áreas. Ocasionalmente, observaram-se aglomerados de melanina no interior dos folículos pilosos. O colágeno dérmico encontrava-se escasso e distribuído em feixes distantes entre si. De acordo com a literatura, essas alterações são compatíveis com a doença e devem ser associadas ao raspado cutâneo e à cultura fúngica negativos (FERREIRA et al., 2007).

Dessa forma, o diagnóstico definitivo somente foi possível após o exame histopatológico. Após a avaliação dos parâmetros clínicos e laboratoriais, a alopecia por diluição da cor firmou-se como suspeita diagnóstica. Considerando as alterações descritas no resultado histopatológico, somadas aos achados da anamnese, ao exame físico e aos exames complementares, pode-se então confirmar o diagnóstico compatível com alopecia por diluição da cor na referida cadela.

Considerações Finais

Conclui-se então a importância de relatar a doença, tendo em vista que se trata de um acometimento relativamente pouco conhecido pelos profissionais da área. A histopatologia é a ferramenta para o diagnóstico definitivo nesses casos.

Referências Bibliográficas

CLEROT. L.L; OLIVEIRA. R. Alopecia por diluição da cor em fêmea York Shire terrier – relato de caso. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologias**.v.7, n. 2, p. 23, 2004.

FERREIRA, R. R. et al. Displasias foliculares ligadas a cor da pelagem em cães: displasia folicular dos pêlos pretos e alopecia por diluição da cor. **Acta Scientiae Veterinariae**. v. 35, n. 1, p. 119-124, 2007.

PACHECOL, A. D. et al. Alopecia por diluição da cor em cão – relato de caso. **Veterinária e Zootecnia**. v. 17, n. 1, p. 20, 2010.

PATEL, A.; FORSYTHE, P.; SMITH, S. **Small Animal Dermatology**. Elsevier: Philadelphia, p. 379, 2008.

